

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A Ditadura Militar como exemplo de uma história que ainda permanece

Rafael Ferreira de Campos

Nº USP: 8030440

Ensino de História: Teoria e Prática

VESPERTINO

Antônia Terra

SÃO PAULO – 2014

TEMA: A Ditadura Militar como exemplo de uma história que ainda permanece

Inicialmente, o professor deve considerar que para maior aproveitamento da atividade por parte dos alunos, é necessário ter acesso aos seguintes equipamentos: Notebook, retroprojektor e, dependendo do caso, um rádio . Caso não for possível a utilização dos mesmos, a disponibilização de textos, músicas e imagens serão restabelecidos de acordo com o critério do docente.

OBJETIVO: Através de debates, análise de textos, charges e músicas, trabalhar não só o Regime Militar propriamente dito – situando as práticas de tortura e repressão e os movimentos de protesto – , como também as suas permanências. A ideia é que as atividades mostrem aos alunos a proximidade existente entre eles e a disciplina de História, assim como a sua importância para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

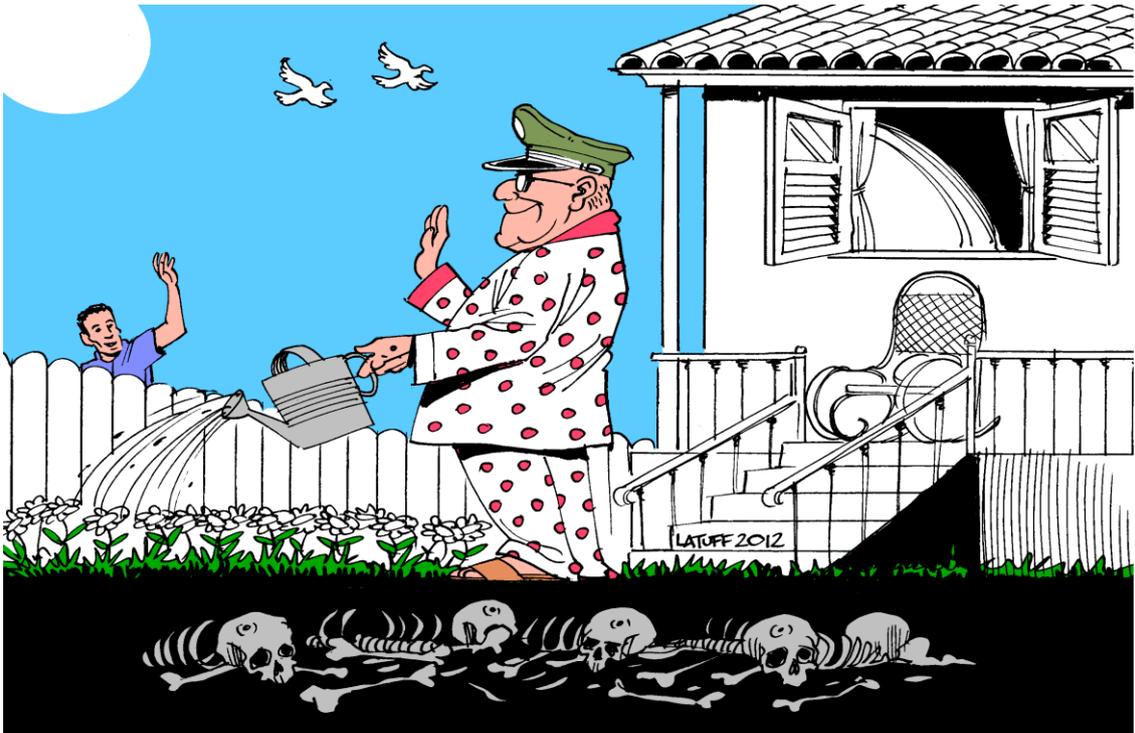
DURAÇÃO TOTAL: 215 minutos (aproximadamente cinco aulas). Deve-se levar em consideração que a duração das atividades poderá ser maior ou menor dependendo bastante do interesse da turma.

ATIVIDADE 1 (35 minutos)

O professor deverá introduzir a ditadura militar aos seus alunos através de algumas charges que sugerem a impunidade dos militares que participaram dos casos de torturas e mortes no período ditatorial. O objetivo dessa atividade é descobrir o quanto seus alunos conhecem do tema proposto. Ao mostrar essas charges com a ajuda do retroprojektor, o professor poderá fazer algumas perguntas para os induzir a uma análise mais abrangente.

Imagens disponíveis no site:

<https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/ditadura-militar/>



1. Qual é a situação representada no *cartoon*?
2. Como está dividido o cenário?
3. Quem é/era o senhor com boina militar?
4. Como ele está agindo?
5. O que são os ossos que estão embaixo da terra?
6. É um *cartoon* agradável de se olhar? O que ele sugere?



1. Qual personagem se assemelha bastante com o da charge?
2. Por que seu nariz é o cano de uma arma?
3. Por que seu nariz está tão grande assim?
4. O que sua farda e a pose de contingência sugere?
5. Por que uma de suas mãos está suja de sangue?
6. O que sugere o símbolo da caveira em sua boina?



1. Por que o senhor está segurando alguns crânios?
2. Por que ele está escondendo os crânios do cachorro?
3. O que sugere a imagem do cachorro?
4. O que é a “Comissão da Verdade”?
5. O que sugere o assobio e os olhos para cima?
6. Quem é o senhor?
7. O que sugere o pijama? Será que ele não estaria vivendo uma vida feliz?

ATIVIDADE 2 (45 min)

O professor deverá introduzir aos seus alunos o estudo da Ditadura Militar no Brasil. Para isso, deverá fazer uma linha do tempo no quadro-negro com os principais acontecimentos do período, como essa imagem sugere:

LINHA DO TEMPO DO GOLPE MILITAR

<p>25 de agosto/1961</p> <p>Jânio Quadros renuncia à Presidência. Sete meses foram suficientes para ele praticar política econômica austera e política externa independente que desagradaram as forças que o apoiavam</p>	<p>8 de setembro/1961</p> <p>Em meio à instabilidade, João Goulart assume. A marca de seu governo foi a abertura às organizações sociais, o que preocupou classes conservadoras, como empresários, banqueiros, militares, classe média e Igreja Católica</p>	<p>13 de março/1964</p> <p>Jango discursa no grande comício da Central do Brasil, no Rio, e defende as Reformas de Base para mudar radicalmente as estruturas agrária, econômica, política e educacional do país</p>	<p>19 de março/1964</p> <p>A resposta ao Comício da Central foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo, e depois em outras cidades. Em 25 de abril ocorreu em Vitória. Eram contra a "comunização" do Brasil. O então governador do Estado, Francisco Lacerda de Aguiar, disse a estudantes, no dia 1º, que "estava ao lado do povo", mas se alinhou aos militares</p>		<p>31 de março/1964</p> <p>As tensões políticas e sociais eram insustentáveis. Tropas de Minas Gerais e São Paulo foram às ruas e Jango refugiou-se no Uruguai para evitar uma guerra civil. Os militares tomam o poder</p>
<p>15 de abril/1964</p> <p>O Congresso Nacional elege o general Castello Branco como presidente. Ele estabeleceu o bipartidarismo. Só eram permitidos o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (Arena). Deputados tiveram mandatos cassados, sindicatos receberam intervenção do governo militar</p>	<p>15 de março/1967</p> <p>Toma posse o general Arthur da Costa e Silva. O destaque foi o avanço da institucionalização da ditadura. Intensificou a repressão a todos os focos de oposição política e eliminou liberdades democráticas</p>		<p>13 de dezembro/1968</p> <p>Editado o mais severo Ato Institucional, o número 5. O Congresso foi fechado. A repressão e a censura entraram em uma crescente. Na prática, fazer oposição virou algo clandestino</p>	<p>27 de outubro/1969</p> <p>O Congresso Nacional é reaberto com menos 93 membros cassados. Dois dias antes os parlamentares elegeram Emílio Garrastazu Médici para substituir Costa e Silva, afastado por uma trombose</p>	<p>15 de janeiro/198</p> <p>Tancredo Neves é eleito pelo Colégio Eleitoral, encerrando o regime militar</p>

A Gazeta - Ed. de Arte - G

A linha do tempo é uma descrição ou registro de eventos e personagens organizados em função de sua ocorrência. Vale lembrar que a sua real função não é fazer com que os alunos decorem datas, mas sim organizar os eventos em ordem cronológica com o intuito de facilitar o entendimento dos mesmos.

Observação: O professor deverá preencher a linha do tempo que estará no quadro-negro conforme ele apresenta o assunto.

Ao término dessa atividade, o professor deverá pedir aos alunos que estes entrevistem alguns parentes e/ou pessoas mais velhas conhecidas que viveram durante a Ditadura Militar e lhe perguntem suas impressões sobre o regime. Os alunos deverão tanto anotar as impressões das pessoas entrevistadas quanto escrever em uma folha de papel alguns pontos abordados por elas durante as entrevistas. Segue alguns exemplos de perguntas que poderão ser feitas:

- Você foi a favor ou contra a ditadura militar? Por quê?

- Alguém que você conhecia ou tinha contato foi preso durante o regime?
Quem?
- Você sente ou não sente falta do regime militar? Por quê?
- Você se lembra de como era o clima instaurado durante o Regime?
- Na sua opinião, quais foram os pontos positivos e os pontos negativos da Ditadura Militar?

Observação: Outras perguntas poderão ser elaboradas. No entanto, é importante que elas sejam sempre neutras, evitando induzir o entrevistado a qualquer tipo de resposta. Sendo assim, cada aluno deverá entrevistar no mínimo três pessoas.

ATIVIDADE 3 e 4 (40 minutos)

O professor deverá organizar a classe em formato circular e pedir para que os alunos exponham suas experiências provindas da atividade proposta na aula anterior. Os alunos deverão relatar uma espécie de resumo do que ouviram das pessoas entrevistadas. O professor não deverá forçar que se seus alunos relatem o resultado de suas pesquisas, a menos que ninguém se retrate. Conforme os resultados são revelados, estes deverão ser anotados no quadro-negro com o intuito de mostrar para a classe que as ideias dos entrevistados se mostrarão divergentes em alguns casos e convergentes em outros.

Logo depois, o professor deverá discutir cada uma das características do regime apresentadas no quadro-negro. Partindo do pressuposto de que a atividade provavelmente revelará que ainda hoje a Ditadura Militar pode ser considerada como um tópico polêmico, o docente alertará seus alunos sobre a necessidade do estudo da História para o desenvolvimento de uma personalidade crítica e reflexiva acerca do mundo que nos rodeia e das informações que nós absorvemos.

Podemos observar também, que nesse momento os alunos, que antes já tinha um papel central nas aulas (visto que a evolução da mesma depende deles) terão a oportunidade de deixar de vez para trás o seu caráter passivo da educação tradicional para se tornarem agentes. Essa será uma das oportunidades que o professor dará ao aluno para que ele retrate em sala de aula algo próximo ao seu mundo.

ATIVIDADE 5 (35 minutos)

Leitura compartilhada do texto *Nas prisões e na polícia, um Brasil que não se redemocratizou* de Lúcia Nader. O texto poderá ser disponibilizado através do retroprojeter e também através da distribuição de cópias para todos os alunos, que deverá ser feita anteriormente ao início da primeira atividade.

O texto será de extrema importância para trazer o problema da Ditadura Militar para mais perto da realidade quotidiana. A autora discute a necessidade de uma redemocratização em dois aspectos da vida nacional que pouco mudaram desde o fim da ditadura: O sistema prisional brasileiro e forma através da qual a polícia lida com a sociedade (especialmente com os mais pobres).

No decorrer da leitura, o professor deve ter em mente que deverá pará-la constantemente para questionar aos alunos sobre suas diferentes compreensões e também para instigá-los a pensar no texto através da perspectiva das permanências e das mudanças desde a época ditatorial. Como sugestão do direcionamento da leitura, serão colocadas possíveis perguntas a serem efetuadas aos alunos no final dos parágrafos mais densos.

Texto disponível no site:

<http://www.conectas.org/pt/acoes/justica/noticia/16991-50-anos-do-golpe>

Desde o fim da ditadura, o Brasil viveu um período de avanço incrível em vários setores. O primeiro e mais óbvio é o da democracia formal. Com eleições livres, os brasileiros voltaram a decidir quem governa o País e quem faz as leis que regem a vida em sociedade. No campo econômico, houve estabilização da moeda, com controle da inflação e outros avanços. No campo

social, as políticas de combate à pobreza e diminuição das desigualdades tiveram resultados louváveis. Os índices de analfabetismo e de mortalidade infantil caíram, o ingresso em universidades se estendeu a uma camada antes inalcançada da população e a imprensa se viu livre da inconcebível censura prévia.

1. Para a autora, o fim da ditadura foi algo positivo? Houve melhorias?
2. Quais são os avanços que a autora do texto lista com o fim da Ditadura Militar?

Mas há no mínimo dois aspectos da vida nacional que pouco mudaram desde o fim da ditadura. O primeiro deles é o sistema prisional brasileiro. O segundo é a polícia e a forma como ela lida com a sociedade, especialmente com os mais pobres.

Nos anos 1960 e 1970, a tortura era dirigida contra dissidentes políticos. Esta prática brutal continua existindo. Pode não ser mais dirigida contra o "inimigo interno", os comunistas e opositores, mas segue firme contra as mais de 550 mil pessoas presas hoje no Brasil. Para quem duvida, basta ver o que aconteceu em janeiro do ano passado, na Penitenciária Estadual de Vila Velha III, no Espírito Santo. Lá, 52 presos foram castigados sentando no piso escaldante da quadra do presídio, das 12h às 14h, nus. As fotos recebidas pela Conectas mostram presos sem pedaços do corpo, queimados no chão quente.

1. Quais são os dois aspectos da vida nacional que pouco mudaram desde o fim da ditadura?
2. Mesmo a ditadura tendo acabado, ainda há lugares onde ocorrem práticas de tortura?
3. Em suma, quais lugares são esses? Quem são os torturadores?

A ONU considera que a tortura é sistemática e diária, de norte a sul do Brasil. Isso significa que não se trata de abusos pessoais ou desvios de conduta, mas de uma política integrada ao sistema, um traço da política de segurança da ditadura que custa desaparecer.

1. Qual a posição da ONU frente às torturas?

De mãos dadas com isso, está a polícia. A violenta repressão contra as manifestações iniciadas em junho apenas deram maior visibilidade entre a elite brasileira para um padrão militarizado e arcaico de uso da força. Trouxe à superfície o fato da polícia ter sido uma das pouquíssimas áreas que não se democratizou com a adoção da Constituição de 1988, mantendo, em seu artigo 144, a polícia militar. Polícia essa que está no topo das mais violentas do planeta, sendo responsável por 5 mortes por dia, 2 mil por ano. O regime hierárquico, as punições disciplinares, o rigor da caserna, as prisões administrativas, o coturno e a ordem unida são elementos que afastam a polícia de uma abordagem civil. O cidadão passa a ser visto como inimigo a ser combatido e não como aquele a quem deveria prestar um serviço e garantir a segurança.

1. O abuso da polícia é resquício de quê?
2. Por que a autora acredita que a polícia não se redemocratizou?
3. O que afasta a polícia de uma abordagem civil?
4. Quais são as consequências desse afastamento?

Junta-se a isso a pouca coordenação entre a polícia militar e a polícia civil, fazendo com que na prática tenhamos "duas meia-polícias" - e quase nenhum respeito aos limites da ordem democrática. A cada 100 homicídios apenas 8 são esclarecidos no Brasil, deixando assim aberta a ferida de que, na falta de processos investigativos dignos desse nome, acabemos por tornar a polícia um agente de criminalização da pobreza. Não resta dúvida da prevalência de critérios sociais e raciais na abordagem e investigação policial.

Não se trata de ignorar os avanços. Ninguém em sã consciência nega que é melhor viver num país democrático onde não existem Atos Institucionais derrubando garantias individuais, como aconteceu com o AI-5 e seus dispositivos secretos. Mas a celebração da democracia não pode ignorar o fato de que, nas prisões e na polícia, ainda há muito a ser feito para nos orgulharmos de termos virado a página, 50 anos após o golpe.

1. Por que a autora defende que a polícia é um agente de criminalização da pobreza?
2. Qual a conclusão da autora? Para ela, o que deve ser feito?

ATIVIDADE 6 (60 minutos)

Nesta atividade, os responsáveis pela análise das duas músicas propostas serão os alunos. Eles deverão, por eles mesmos, localizar as críticas dos compositores feitas ao regime militar. Nesse momento, os alunos terão a oportunidade de por em prática o que aprenderam com as aulas anteriores. A única coisa que caberá ao professor é guiá-los na análise caso estes estejam com dificuldades.

OBSERVAÇÃO 1: Para a realização da atividade, é necessário que as músicas sejam tocadas no rádio, assim como duas letras também deverão ser disponibilizadas através do retroprojeto.

OBSERVAÇÃO 2: Os alunos deverão se separar em grupos de no máximo cinco pessoas para analisarem as músicas.

PRIMEIRA MÚSICA: *Mosca na Sopa* de Raul Seixas

A música *Mosca na Sopa*, lançada em 1973, é sem dúvida uma das mais conhecidas de Raul Seixas. Através da utilização de metáforas, o músico lança uma poderosa crítica a censura do regime ditatorial instaurado no Brasil desde a institucionalização do AI-5. A música sugere que nem mesmo se utilizando do método mais cruel, os militares jamais conseguirão calar a voz das massas oprimidas. Na música, a mosca seria a representação povo e dos grupos de oposição, enquanto o homem perturbado por ela, é na realidade, o próprio regime militar.

Eu sou a mosca
Que pousou em sua sopa
Eu sou a mosca
Que pintou pra lhe abusar

Eu sou a mosca
Que perturba o seu sono
Eu sou a mosca
No seu quarto a zumbizar

E não adianta
Vir me dedetizar
Pois nem o DDT
Pode assim me exterminar
Porque você mata uma
E vem outra em meu lugar

- "Atenção, eu sou a mosca
A grande mosca
A mosca que perturba o seu sono
Eu sou a mosca no seu quarto
A zum-zum-zumbizar
Observando e abusando
Olha do outro lado agora
Eu tô sempre junto de você
Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura
Quem, quem é?
A mosca, meu irmão!"

Observação: Foram cortadas as partes repetidas da música.

SEGUNDA MÚSICA: *Cálice* de Chico Buarque

Cálice é uma canção escrita e originalmente interpretada por Chico Buarque e Gilberto Gil em 1973, mas foi lançada somente em 1978 por ter sido

proibida de ser gravada e cantada. No entanto, sabe-se que Gilberto Gil desafiou a censura e cantou a música em um show para os estudantes, na Politécnica, em homenagem ao estudante de geologia da USP Alexandre Vanucchi Leme, morto pela ditadura. Ainda naquele ano, no evento *Phono 73*, festival promovido pela *Polygram*, Chico Buarque e Gilberto Gil tiveram os microfones desligados quando iam começar a cantar *Cálice*, por decisão da própria produção do show, que não quis criar problemas com a ditadura.

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga

Tragar a dor, engolir a labuta

Mesmo calada a boca, resta o peito

Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa

Melhor seria ser filho da outra

Outra realidade menos morta

Tanta mentira, tanta força bruta

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado

Se na calada da noite eu me dano

Quero lançar um grito desumano

Que é uma maneira de ser escutado

Esse silêncio todo me atordoa
Atordoadado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta
Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno
Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça

No final da atividade, os grupos deverão expôr para o restante da sala os principais pontos levantados durante a análise das músicas. O docente deverá ainda, propôr um debate que ligue as músicas passadas em sala de

aula às permanências da Ditadura Militar apresentadas por Lúcia Nader em seu texto *Nas prisões e na polícia, um Brasil que não se redemocratizou*. Há aqui algumas perguntas para nortear o debate:

1. Qual foi o papel da “mosca na sopa” para a redemocratização do país?
2. Que papel pode ter a “mosca na sopa” nos dias de hoje?
3. Há hoje em dia, muitas coisas que se mantêm no sigilo?
4. Ainda há “tanta mentira e tanta força bruta”?

ATIVIDADE 5 (Avaliação - Deverá ser feita em casa)

AVALIAÇÃO: Contando que a classe tem 30 alunos, os mesmos deverão se dividir em grupos de até no máximo três pessoas para redigirem um texto de até no máximo três páginas sintetizando todos os debates feitos em sala de aula. O texto também deverá obrigatoriamente possuir uma essência crítica que evidencie a participação do aluno.

Observação: A avaliação deverá ser feita em casa e com um prazo de entrega equivalente a duas semanas.

REFERÊNCIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO ESTÁGIO

Pessoa, Fernando. Soares, Bernardo. Zenith, Richard (org). Livro do desassossego composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 2. ed. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 2006.

ZABALA, Antoni. As seqüências didáticas e as seqüências de conteúdo. In: A prática educativa - Como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.